

Câmbio liberado acalma bancos e deixa investidores animados

Dívida de US\$ 140 bi da área privada é preocupante

Desvalorização deve forçar nova onda de fusões



Rio - Nem mesmo os boatos do fim da tarde de sexta-feira, envolvendo a saúde de tradicionais bancos de investimentos cariocas, terão o efeito de uma ducha de água fria na abertura das bolsas de valores nesta segunda-feira. Ninguém espera que se repitam os 33,3% dos último pregão de São Paulo, com algumas ações de empresas de telecomunicações subindo impressionantes 50%. Seria até natural uma ligeira queda no ritmo dos negócios.

A verdade é que a liberalização do câmbio - medida que o Banco Central vinha resistindo com uma bravura inútil - acalmou os bancos, animou os investidores e não trouxe qualquer pânico. O que natural-

mente assusta o mercado é o tamanho do endividamento do setor privado (bancos e empresas) em dólar: uma bola de US\$ 140 bilhões. Isso significa que muitas corporações perderam 16% - a desvalorização acumulada - em apenas três dias.

Ao longo desta semana, não seria surpresa se o dólar, que na sexta-feira chegou a bater R\$ 1,60, fique na faixa de R\$ 1,40, encontrando o seu ponto de equilíbrio. Prova disso é que as saídas de divisas pelo flutuante reduziram drasticamente, voltando a níveis normais. Da mesma forma, os contratos futuros de juros, que apontavam para níveis alarmistas de 71%, caíram para os 36,53% (vencimento em fins de janeiro) e 43,27% (28 de fevereiro).

Juros menores

A elevação do dólar abriu um bom caminho para a redução gradual dos juros - que promoveu grandes estragos no setor privado - o aumento das exportações e uma pequena inflação na economia (nada acima de 5% em 1999).

Cálculos conservadores indicam que a capitalização da dívida do Governo em títulos - que atingiu os R\$ 320 bilhões - cravou uns R\$ 50 bilhões. Esse foi o custo da política cambial

rígida adotada pelo economista Gustavo Franco, quando esteve à frente do Banco Central. É uma perda irreversível para a economia.

Alívio

Por essa razão, a expectativa de uma queda dos juros animou bastante o mercado financeiro. As empresas, assustadas com a recessão do primeiro semestre, conseguirão respirar mais aliviadas. As companhias exportadoras terão um ganho substancial com a maxidesvalorização acumulada na semana. Não é por outra razão que os papéis da Companhia Vale do Rio Doce, Telesp (Telefônica de São Paulo) e os recibos da Telebrás puxaram as altas nas bolsas.

Mas haverá muitos perdedores, especialmente na área financeira. O passivo em dólar no setor privado é de US\$ 120 bilhões. Com a desvalorização, bancos e companhias perderam 16% de seus patrimônios em reais devido à elevação do dólar. Essa conta vai ser paga brevemente e obrigará a novas fusões e aquisições.

A taxa de desemprego baterá todos os recordes, no curto prazo, mas a indústria terá um grande ganho com a desvalorização. Registre-se que toda desvalorização altera a velha relação entre o câmbio e o salá-

rio. Assim, os ganhos dos assalariados serão encolhidos nos próximos meses. Na euforia de sexta-feira, o mercado financeiro passou alheio aos estragos que surgirão nas próximas semanas. Tão logo esses números estejam contabilizados terão um impacto negativo nos pregões.

Na avaliação de um experiente banqueiro, o Governo pode facilmente inverter esse quadro se anunciar a venda da Petrobrás, a grande jóia da Coroa. Causaria um grande impacto no mercado financeiro internacional, atraindo investimentos estrangeiros de longo prazo.

Na crise cambial de 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso, que era contrário à venda da Vale do Rio Doce, anunciou um programa de privatização mais profundo por sugestão do então ministro do Planejamento, José Serra. Agora, pode pôr o cutelo da Petrobrás para fora como uma tentativa ousada de corrigir os grandes equívocos causados pela política cambial do passado. Seria o último tiro para manter viva a estabilidade dos preços, a grande peça que restou no tabuleiro do Plano Real.

CORIOLOANO GATTO

Correspondente do Jornal de Brasília



Arquivo

FRANCO: política cambial fez dívida aumentar R\$ 50 bilhões